

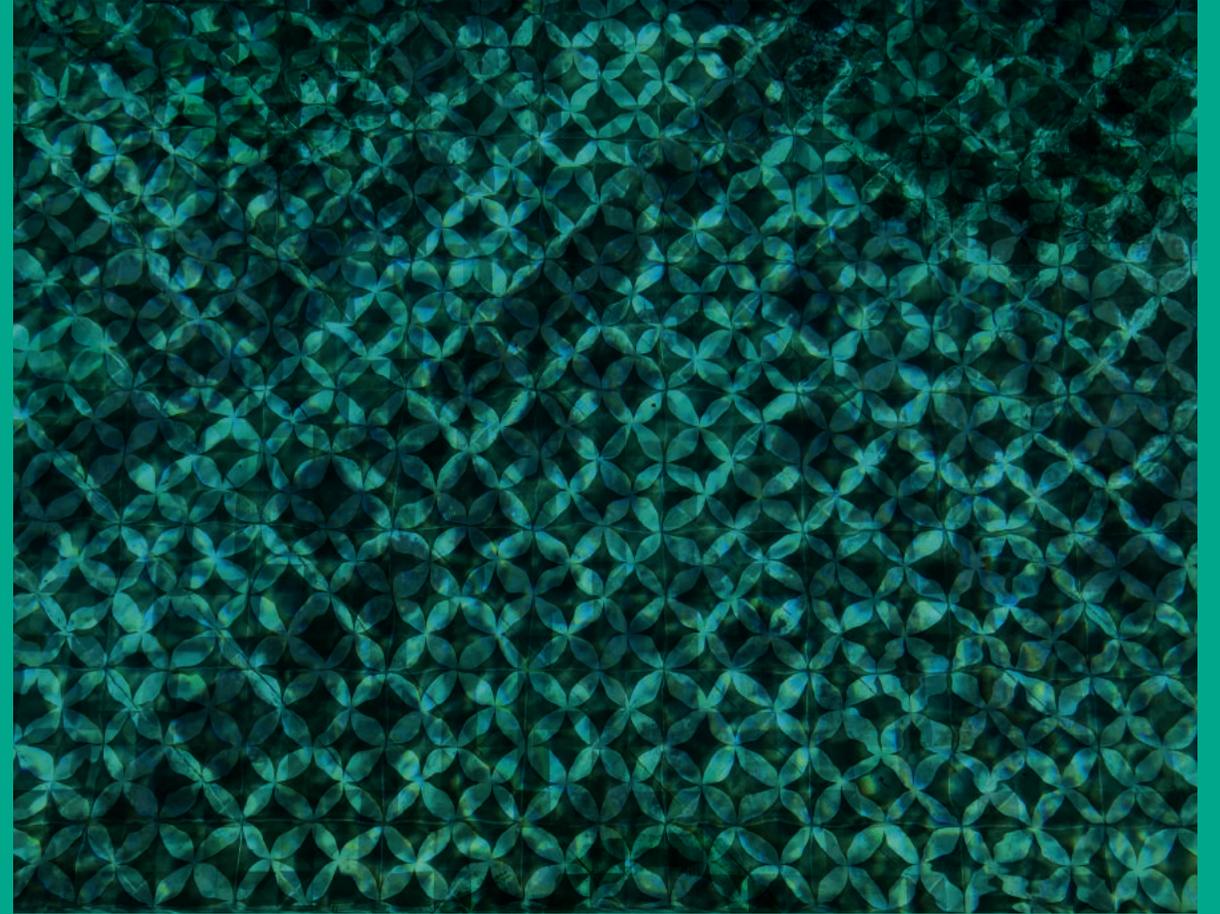
casa da arquitectura

DUAS CASAS

Paulo Mendes da Rocha

Casa Gerassi
Casa Quelhas
DUAS CASAS
Paulo Mendes da Rocha

Casa da Arquitectura



Uma cidade em miniatura: A casa na obra de Paulo Mendes da Rocha

A Miniature City: The House in the Work of Paulo Mendes da Rocha

Daniele Pisani

Daniele Pisani é professor de História da Arquitetura Contemporânea no Politecnico di Milano. É autor do livro *Paulo Mendes da Rocha: Obra completa*, uma extensa monografia sobre a obra do arquiteto editada em 2013 pela Electa, GG Brasil e Rizzoli.

Daniele Pisani is Professor of History of Contemporary Architecture at the Politecnico di Milano. He is the author of *Paulo Mendes da Rocha: Complete Work*, an extensive monography on the architect's work published in 2013 by Electa, GG Brasil and Rizzoli.

Numa análise da obra de Paulo Mendes da Rocha, tentar circunscrever o assunto “arquitetura residencial” é uma operação ao mesmo tempo necessária e de certa forma impossível: necessária, na medida em que permite um dos acessos mais diretos à essência política da sua obra; impossível, na medida em que qualquer tentativa de delimitar o campo de indagação se destina ao fracasso. Poderíamos, naturalmente, fazer uma lista dos projetos de casas, mas nela encontraríamos sistematicamente soluções comuns a projetos de outro tipo. E, com efeito, se algo de característico há na postura do arquiteto sobre este assunto é o esforço de pensar a casa como algo que não possui nada de característico.

Aparentemente, até certo ponto isso não constitui qualquer coisa de excepcional na história da arquitetura, em particular a do século XX. A arquitetura residencial tem-se tornado recorrentemente uma espécie de laboratório onde experimentar em pequena escala — e longe dos holofotes — soluções destinadas a serem, eventualmente, empregadas noutras obras de maior porte e visibilidade. No caso de Mendes da Rocha há, contudo, algo mais, que se prende com a aspiração à indiferenciação tipológica que o arquiteto jamais teorizou (em palavras), mas tentou e tenta sistematicamente pôr em prática nas suas obras¹.

Algo que, no fundo, pode ser considerado não exclusivo do arquiteto capixaba². Por exemplo, no exato momento em que ele se aproximava de João Batista Vilanova Artigas — isto é, logo depois da inesperada vitória no concurso para o Club Atlético Paulistano, em 1958 — este estava empenhado no desenvolvimento de um conceito arquitetônico que lhe permitisse enfrentar encomendas em série de obras públicas, em particular de escolas, no quadro do Plano de Ação do governador Carvalho Pinto; ora, não é extremamente significativo o facto de Artigas ter elaborado tal conceito simultaneamente nos primeiros projetos para escolas e nos contemporâneos projetos para residências unifamiliares, como por exemplo a Taques Bittencourt?

Em Artigas, efetivamente, encontramos uma postura muito próxima à de Mendes da Rocha. Soluções elaboradas em projetos privados de arquitetura que passam para projetos de obras “públicas”, soluções elaboradas em projetos de obras “públicas” que passam para projetos de arquitetura privados, soluções que muitas vezes é difícil dizer de qual projeto passaram para qual: é o caso, por exemplo, da calçada de asfalto da rua pública que penetra sem interrupção na própria arquitetura, tornando-se o seu chão, que caracteriza tanto o Pavilhão do Brasil em Osaka (1969–70), como a Casa Millan, em São Paulo (1970).

Entretanto, nesse caso, assim como em inúmeros outros, não se trata — ou não se trata apenas — da

In analysing the work of Paulo Mendes da Rocha, trying to circumscribe the subject “residential architecture” is a necessary and, in a way, impossible task. It is necessary insofar as it allows for a very straightforward access to the political core of his work; and it is impossible inasmuch as it frustrates any attempt to delimit the field of enquiry. We could, of course, make a list of his house designs, but we would systematically come across solutions common to other types of project. Indeed, if there is something characteristic to Paulo's stance in the matter, it is the effort to regard the house as something with nothing characteristic to it.

Apparently, to some extent this is nothing exceptional in the history of architecture, particularly that of the twentieth century. Residential architecture has recurrently become a kind of laboratory, in which small-scale experiments — away from the limelight — are solutions that can be used in other, larger and more prominent works. In Mendes da Rocha's case, however, there is something more. Something that depends on a striving for typological indifferentiation that the architect has never theorized (in words), but has tried — and keeps on trying — to put into practice in his works.¹

This isn't something that is exclusive to this Vitória-born² architect. For example, just as he came into contact with João Batista Vilanova Artigas — that is, shortly after his unexpected 1958 victory of the Club Athletico Paulistano competition —, Artigas was engaged in the development of an architectural matrix that allowed him to cope with serial commissions of public works, particularly schools, in accordance with governor Carvalho Pinto's Action Plan. Is it not significant that Artigas came up with such a matrix simultaneously in the first projects for schools and in contemporary projects for single-family homes, such as Taques Bittencourt? In Artigas, we indeed find a stance very close to that of Mendes da Rocha. Solutions conceived in private architectural projects that cross over to “public” works. Solutions for “public” works that cross over to private projects. Solutions that often make it hard to tell from which project they came and which project they went into: such is the case of the tarmac pavement of the public street that seeps, uninterrupted, into the very architecture — by becoming its floor — which characterises both the Pavilhão do Brasil (Brazil Pavilion) in Osaka (1969–70) and the Millan House in São Paulo (1970).

However, in this case, as in many others, we are not simply talking about a system of solutions that are easy to adapt to projects of different natures. And if nothing prevents such a system to be practical — it is better for it to be so, in fact —, the question then lies in what's beyond the system, and what the system itself implies.



Paulo Mendes da Rocha & João Eduardo De Gennaro, Casa Francisco Malta Cardoso / Francisco Malta Cardoso House, São Paulo, 1963

elaboração de um sistema de soluções facilmente adaptáveis a projetos de naturezas diferentes. E se nada impede que tal elaboração tenha um lado prático — e, no fim de contas, é oportuno que tenha —, a questão está no que vai além deste e no que isso implica.

Como muitos outros arquitetos — e em particular como muitos outros arquitetos paulistas da época — Mendes da Rocha foi de certa forma constrangido a dedicar muitos dos seus esforços e da sua atenção à arquitetura residencial. Nada de ideológico nisso: tratava-se de uma pura e simples questão de encomendas, que se concentravam no âmbito da arquitetura doméstica. Fazer casas não era uma escolha — era uma condição. Para Mendes da Rocha, isso acabou porém por se transformar numa condenação.

Eis o paradoxo: o conjunto das casas de Mendes da Rocha é sem dúvida um dos mais notáveis da arquitetura do século XX, mas o seu autor não se cansa de repetir que a casa — a casa unifamiliar — não é senão um erro, um engano. Como ele costuma dizer, *na cidade é que moramos* — ou deveríamos morar — *e não na casa*: “A casa não é o lugar de morar; o homem mora nas cidades. As casas são apenas um dos equipamentos das cidades”³. A vida, segundo o arquiteto, não ocorre em solidão, e sim entre outros concidadãos; o verdadeiro lugar em que ela acontece é na rua, na calçada, no teatro, no

Like many other architects — particularly São Paulo architects of the time — Mendes da Rocha was in a way made to dedicate his efforts to residential architecture. There was nothing ideological about it: it was simply that the requests were focused on domestic architecture. Building houses was not a choice. It was a condition. For Mendes da Rocha, however, it turned out to be a sentence.

And therein lies the paradox: Mendes da Rocha’s houses are undoubtedly some of the most remarkable in twentieth-century architecture. But the architect is incessant in repeating that the house — the single-family home — is but a mistake, a misunderstanding. As he habitually says, *we live in the city* — or we should — *and not in the house*. “The house is not the place to live; we live in the cities. Houses are just part of the cities’ equipment”³. Life, according to architecture, does not happen in solitude. It happens amid fellow citizens; in the street, the sidewalk, the theatre, the bar. Consequently, devoting himself to house design — thought of as impenetrable burrows — only helps to weaken communal life. This is why he often says that the home should be a simple shelter for four shirts and three shoes, which should be kept near the workplace, and nothing more; and this is why he has such a complex, ambivalent stance regarding his own residential projects. Therein lies the paradox, again:

bar; por consequência, dedicar-se ao projeto de casas concebidas como covis impenetráveis apenas agrava o enfraquecimento da vida em comum. É por esta razão que o arquiteto costuma dizer que a casa deveria ser um simples abrigo para quatro camisas e três sapatos, que conviria ser colocado perto do local de trabalho, e nada mais do que isso; por esta razão é que ele tem uma postura tão complexa e ambivalente perante os seus próprios projetos residenciais. E eis de novo o paradoxo, que está na extraordinária qualidade das casas deste arquiteto que detesta o conceito de casa.

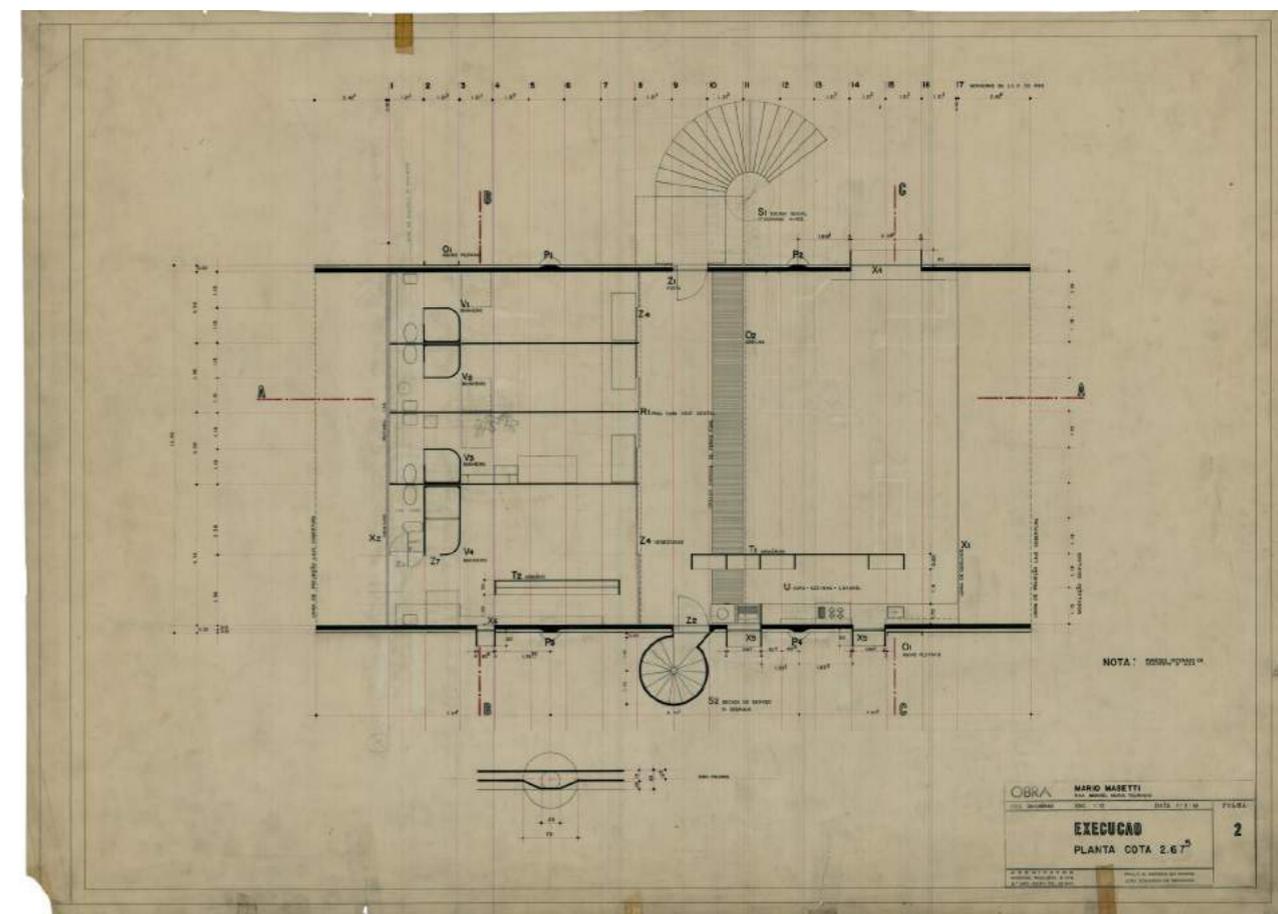
Existe porém uma outra maneira possível de considerar a questão, a saber: e se não fosse um paradoxo? Noutros termos, não será que existe uma relação precisa entre a sua crítica radical à ideia de casa e a qualidade dos seus projetos de casas? Parece-nos que nas casas de Mendes da Rocha, e em particular naquelas datadas entre meados das décadas de 1960 e 1970, o morador está destinado a morar e, simultaneamente, a vivenciar uma ininterrupta crítica à sua habitual maneira de morar — uma crítica, naturalmente, expressa pela própria arquitetura.

in the extraordinary quality of the houses built by a man who hates the concept of home.

But we can look at it from another angle: what if there isn’t a paradox? Is there not a precise relationship between his radical criticism of the idea of home and its quality? It seems to us that in the houses of Mendes da Rocha, particularly those of the mid-1960 and 1970s, the resident is destined to live there and simultaneously experience an uninterrupted critique of his usual way of living. A critique given by the architecture itself.

This is where the challenges that Mendes da Rocha’s houses pose to our current habits lie: the systematic absence of the hallway as one enters, the proximity between bedrooms and living rooms, the impossibility of isolation within four walls, the appeal to settle in common areas... These and other strategies are employed with a view to incentivise unprecedented uses of the domestic space.

Let’s take the Masetti House (1967) as an example. It is one of the many houses designed by the architect made up of a single floor raised over the ground



Paulo Mendes da Rocha & João Eduardo De Gennaro, Casa Mário Masetti / Mário Masetti House, São Paulo, 1967

Daí deriva o desafio que as casas de Mendes da Rocha constituem para os hábitos correntes: a sistemática ausência do vestíbulo de entrada, a proximidade entre quartos e salas, a impossibilidade de isolamento dentro das quatro paredes do quarto, os incentivos à preferência das áreas comuns... Estes e outros artifícios são implementados com vista a promover formas inéditas de uso do espaço doméstico.

Um exemplo: a Casa Masetti (1967) é uma das muitas casas projetadas pelo arquiteto que são articuladas num único andar elevado em relação ao nível do solo. O seu interior é organizado — outra solução frequente — em três faixas paralelas: na primeira, junto à rua pública, estão situados os quartos; no lado oposto, a segunda faixa — que constitui o vão maior e espacialmente mais indeterminado, a partir do qual se descortina uma ampla vista panorâmica — acolhe todos os espaços comuns (sala de estar, cozinha, sala de jantar); entre elas, estende-se uma terceira faixa, que não desempenha nenhuma “função”, a não ser a de entrada e saída; mas, para além de permitir a iluminação zenital e a ventilação natural, serve também de limiar entre a parte mais “privada” (os quartos) e a mais “pública” (as salas) da residência. Desse ponto de vista, a Casa Masetti revela-se

level. Its interior is organized — another frequent solution — in three parallel lanes: in the first, next to the street, are the rooms; on the opposite side, the second lanes (the largest and most spatially undetermined, from which a wide panoramic view unveils) welcomes all common spaces (living room, kitchen, dining room); between them we have the third strip, functionless but for entering and leaving, but also allowing for zenithal illumination and natural ventilation and being the threshold between the “private” (bedrooms) and “public” (living rooms) spaces of the residence. From this point of view, the Masetti House sets the house’s two core functions apart, which is different from what happens, for example, in the architect’s own house in Butantã, in which the private and public dimensions lean on each other in order to empty out the former in favour of the latter. Compared to this, it can be said that Masetti House is moderately traditional in regard to the way it suggests living spaces be used.

Here too, however, we find a revealing detail of much more “subversive” intentions. Each bedroom has a bathroom. The bathrooms are at the end of the bedroom (being well ventilated, therefore, but also taking advantage of the light from the window) and have no doors. This



Paulo Mendes da Rocha & João Eduardo De Gennaro, Casa Mário Masetti / Mário Masetti House, São Paulo, 1967



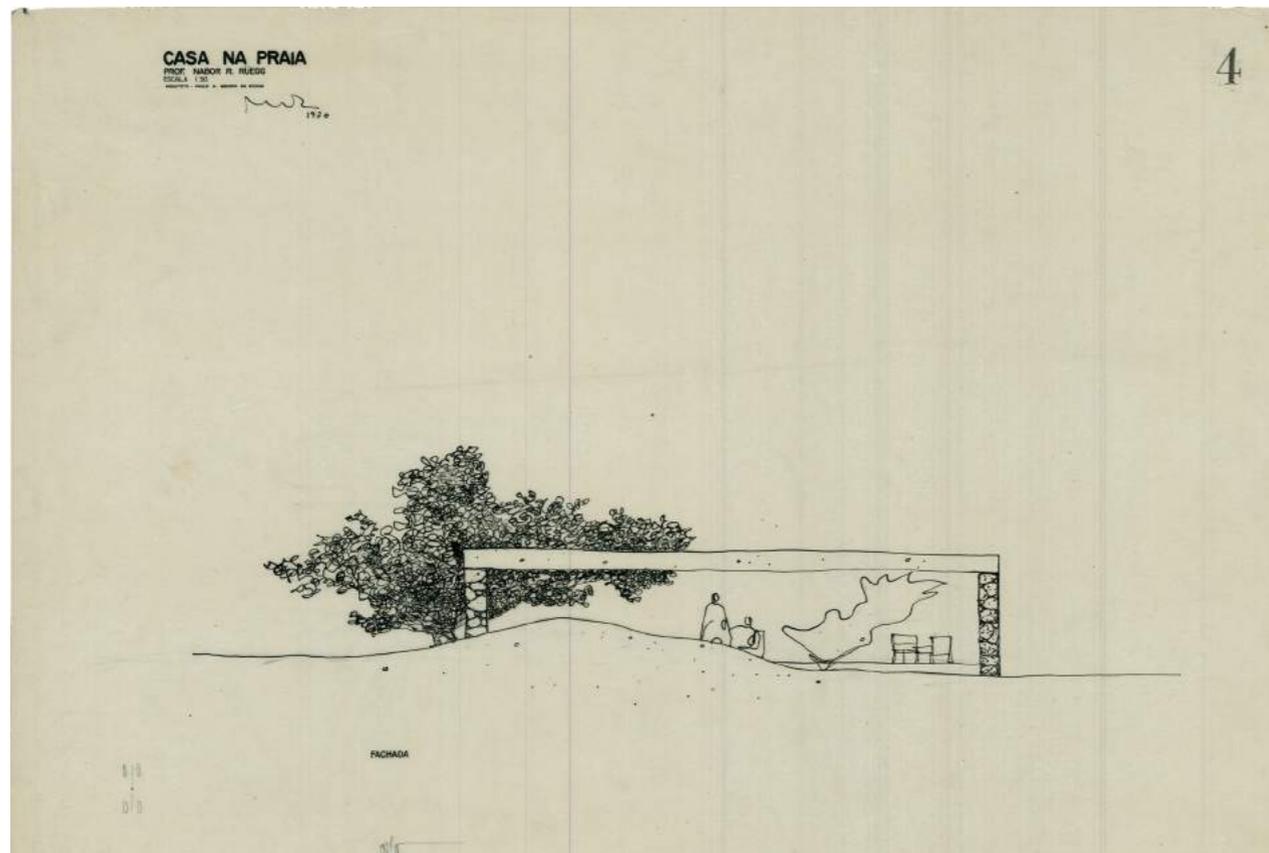
Paulo Mendes da Rocha & João Eduardo De Gennaro, Casa Mário Masetti / Mário Masetti House, São Paulo, 1967

relativamente respeitadora da habitual separação entre os dois núcleos da casa, ao contrário do que acontece, por exemplo, na casa do próprio arquiteto no Butantã, em que a dimensão privada e a pública estão encostadas com o intuito deliberado de esvaziar a primeira em favor da segunda. Comparada com esta, a Casa Masetti é relativamente tradicional do ponto de vista da maneira de vivenciar os espaços que sugere.

Porém, também aqui se encontra um detalhe revelador de intenções muito mais “subversivas”. Cada quarto possui um quarto de banho. Cada quarto de banho está situado ao fundo do quarto (sendo assim bem ventilado, mas também usando uma boa parte da luz da janela) e não tem porta; isto, evidentemente, não é considerado um problema, já que o vaso sanitário está escondido atrás da cabine do chuveiro, mas de qualquer modo introduz com ligeiro toque de ironia um tom abertamente antiburguês. Realmente significativo, contudo, é o que acontece do outro lado dos quartos, ou seja em correspondência com a entrada a partir da faixa central. Os quartos são fechados apenas por portas de correr, que o arquiteto, nas pranchas, chama “venezianas”. O isolamento dentro deles é portanto possível. Mas há

is not a problem, since the toilet is hidden behind the box, but you can see a light shade of irony in it, an anti-bourgeois tone. Significant, however, is what happens on the other side of the bedrooms, in relation to the entrance in the central lane. The bedrooms can only be closed using sliding doors, which the architect calls “shutters” in his drafts. Isolation within them is therefore possible, but there is a problem. Each of the three children bedrooms has a concrete table, next to the entrance. This has a clear practical reason: to allow full harnessing of the zenithal light coming in from the glazed roof of the central lane. The light falls on the tables only with one condition, though: the doors/shutters must be opened. The logical consequence is that the children must have their rooms open, if they want to use their desk in ideal conditions. The house then becomes a single environment: the private rooms, along with a span that might host guests, joining the public rooms.

In this sense, the Masetti House is not particularly radical. Other houses from those years are, in fact, more incisive in this regard. However, the pressure it imposes on the person living there can be considered typical of the architect’s residential work: it falls always and



Paulo Mendes da Rocha, Casa Nabor R. Rüegg / Nabor R. Rüegg House, Guarujá, 1970

no entanto um problema. Cada um dos três quartos de crianças possui uma mesa de betão, localizada ao lado da entrada. Isso tem uma razão prática evidente: permitir o pleno aproveitamento da luz zenital que entra na casa pela cobertura envidraçada da faixa central. Essa luz porém só pode iluminar as mesinhas numa condição: que as portas/venezianas estejam abertas. A consequência lógica é que, para poder usar de forma ideal as mesas, as crianças devem deixar abertos os seus quartos. A casa acaba assim por se tornar num ambiente só: os quartos em conjunto com o vão que acolhe o eventual convidado e com as salas.

A Casa Masetti não é uma das mais radicais nesse sentido. Outras casas daqueles anos são, de facto, mais impositivas. Mas o tipo de pressão a que ela submete o morador pode ser considerada típica da obra residencial do arquiteto: ela se dá sempre e apenas nos espaços “privados” da casa, deixando pelo contrário livres e indeterminados os seus espaços “públicos”. Apesar de estar longe de ser um pano de fundo neutro e constituir antes uma ferramenta para intervir em alguns aspetos das “formas de vida” dos seus moradores, a casa de Mendes da Rocha não pretende remodelar de forma delirante toda a existência

only in the home’s “private” spaces, leaving the “public” spaces free and indeterminate. Although it is far from being a neutral background, and being rather a tool to intervene in certain aspects of the residents’ “living habits”, the house of Mendes da Rocha does not seek to deliriously remodel the whole of human existence. It simply encourages certain habits and discourages others. It opposes the idea of the house as a series of separate blocks, and instead presents itself as a palimpsest of varied uses dependent on a communal lifestyle. The fact is that, for Mendes da Rocha, the house does not oppose the city. It is the beginning of social life, a miniature part of town. Instead of society-opposing homes, the architect has tirelessly conceived them as basic nuclei of authentic social life. Urban life.

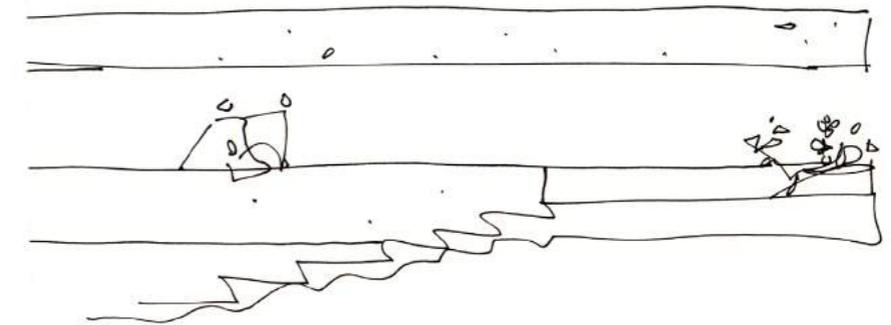
In this regard we cannot analyse in detail how Mendes da Rocha put his political project into practice — each time in a slightly different way — or the way it evolved over the years (gradually becoming less aggressive).⁴ We are instead interested in pointing out one issue in particular. If what we have written so far is correct, then the core of the architect’s reflections on the house is his critical view on some of the residents’ possible habits. The main issue

do ser humano. Limita-se, por assim dizer, a recomendar alguns hábitos e a desencorajar outros. Opõe-se à definição de blocos separados dentro de si e propõe-se, pelo contrário, como um palimpsesto de usos muito variados mas que partilham o facto de implicar uma vida em comum. O facto é que a casa, para Mendes da Rocha, não está em oposição à cidade; é o começo da vida social, é já uma parte de cidade — ainda que em miniatura. Em vez de casas em contraposição à sociedade, o arquiteto nunca se cansou de pensar em casas concebidas como núcleos básicos de uma vida autenticamente social, isto é urbana.

Não podemos aqui analisar em detalhe a maneira como Mendes da Rocha pôs em prática este projeto político, a cada vez de forma um pouco diferente, ou a maneira como este projeto acabou evoluindo ao longo dos anos (perdendo gradualmente agressividade)⁴. Antes nos interessa salientar uma questão em particular. Se o que escrevemos até agora está correto, então o núcleo da reflexão do arquiteto sobre a casa consiste na sua postura crítica perante alguns possíveis hábitos dos moradores: o principal alvo desta crítica é a casa como

of his criticism concerns the idea of home as a castle — a place in which to defend one’s self from the city — segmented into other, minor castles — in this case, places to find refuge from the other family members. What Mendes da Rocha’s houses intend to prefigure are instead “public” spaces. In the end, as we’ve seen, Mendes da Rocha proposes a communal use of the house.

If the resident accepts this condition, then the house is suddenly free, indeterminate, and susceptible to be appropriated in unforeseen ways — we just have to agree with its nature as a basic element of the city. But if a house working as it should is foremost a public space, it should not come as a surprise that its matrix and solutions might be interchangeable with those — for example — of theatres and museums. Mendes da Rocha’s intention, clearly, is not to demonstrate something absurd, as if the differences between a house and a bank did not exist. No, it is about individualising specificity by being aware that in each case — be it a house, a bookstore, or a territorial-scale infrastructural work — the project is meant for a communal space.



34229
1303 ↑
1972

casa King

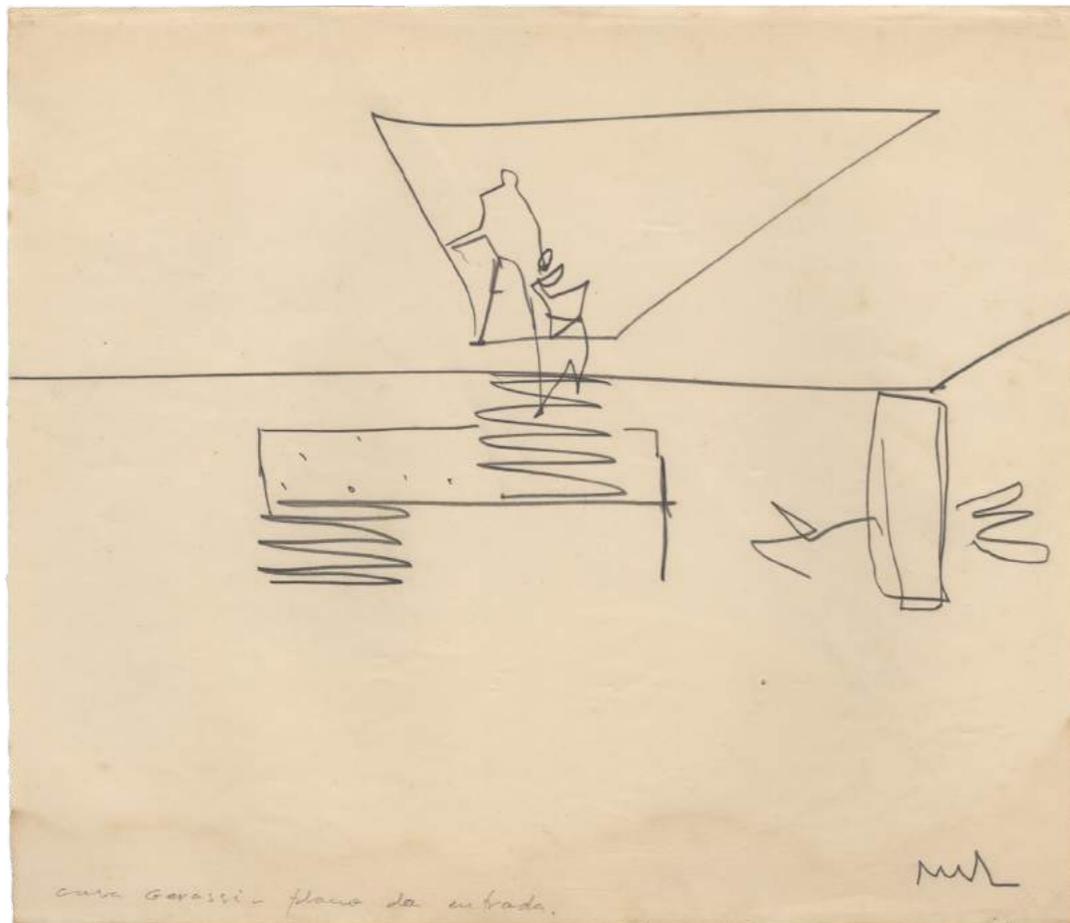
Paulo Mendes da Rocha, Casa James Francis King / James Francis King House, São Paulo, 1972

castelo, como lugar onde se proteger da cidade, por sua vez articulado em castelos menores, espaços neste caso para se proteger também dos outros membros da família. O que as suas casas pretendem configurar são, pelo contrário, espaços “públicos”: no fim de contas, como vimos, Mendes da Rocha propõe-se favorecer o uso da casa juntamente com outras pessoas.

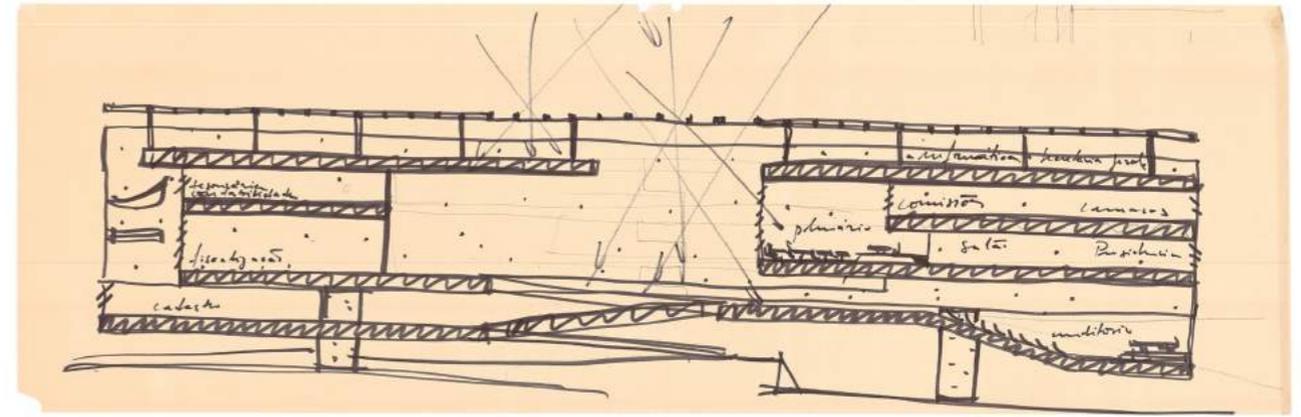
Se o morador aceitar essa condição, a casa, de repente, revela-se livre, indeterminada, suscetível a ser apropriada de modos imprevistos — é só concordar com a sua natureza de elemento básico da cidade. Mas se uma casa que funciona como deveria é um espaço em primeiro lugar público, não deve surpreender que o seu conceito e soluções possam resultar intercambiáveis com as de teatros ou museus, por exemplo. Do ponto de vista do arquiteto, claramente, não se trata de demonstrar algo absurdo, como se as diferenças entre uma casa e um banco não existissem, mas de individualizar de cada vez a especificidade a partir da consciência de que em cada caso — quer se trate de uma casa, uma livreria

Consequently, in Mendes da Rocha’s architecture, carrying public work solutions over to private work solutions — or vice versa — represents something much more interesting than the pure and simple adaptation of previously applied solutions. If the matrix for the Masetti House and for the project for the CREA headquarters of the states of São Paulo and Mato Grosso (1978), still in São Paulo, are so similar, it’s neither a coincidence nor a problem. These two works share an objective, which is to house people; the differences are there, and must be obvious, but they come only later.

The specificity of the house in Mendes da Rocha’s work stems therefore from his effort to imagine houses that are not specific vis-à-vis the rest of architecture. They are simply architecture, meant to be part of the city, like all authentic architecture. After all, “the city is born of the house”.⁵



Paulo Mendes da Rocha, Casa Gerassi / Gerassi House, São Paulo, 1989



Paulo Mendes da Rocha, projeto de concurso para a sede do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia dos Estados de São Paulo e de Mato Grosso / Project for the competition for the CREA headquarters of the states of São Paulo and Mato Grosso, São Paulo, 1978

ou uma obra infraestrutural à escala territorial — o que se está a projetar é um espaço para o convívio.

Por conseguinte, a passagem de soluções de obras públicas para privadas ou vice-versa na arquitetura de Mendes da Rocha representa algo muito mais interessante do que o puro e simples uso de soluções já elaboradas noutros casos. Se o conceito da Casa Masetti e o do projeto do concurso para a sede do CREA dos Estados de São Paulo e Mato Grosso (1978), ainda em São Paulo, são tão parecidos, não é por acaso e não é um problema sequer. Trata-se de duas obras que têm em comum a ambição de abrigar pessoas; as diferenças existem e devem ser evidentes, mas elas vêm apenas num segundo momento.

A especificidade da casa na obra de Mendes da Rocha decorre portanto do seu esforço de imaginar casas que não possuam especificidade perante o resto da arquitetura: que sejam simplesmente arquitetura, ou seja, que visem constituir — como toda a autêntica arquitetura — a cidade. No fim de contas, “a cidade nasce da casa”⁵.

1 For additional information, see Daniele Pisani, *O museu na obra de Paulo Mendes da Rocha*, in *Projeto Design*, no. 395, January 2013, pp. 90–97.
 2 The capital of the state of Espírito Santo [T.N.].
 3 Paulo Mendes da Rocha, “Casa de concreto”, *Casa & Jardim*, no. 156, January 1968, p. 35. Almost identical words can also be found in “Perspectivas da arquitetura brasileira — Recomendações para sua adequação aos Trópicos”. In: *Arquitetura nos Trópicos. Anais do I Seminário Nacional*, congress proceedings (Recife, September 18–20, 1984). Recife: Fundação J. Nabuco — Massangana, 1985, p. 158: “A casa como fato isolado não é o lugar onde o homem mora. O homem mora na cidade” [The house as an isolated fact is not the place where we live. We live in the city.]
 4 See Daniele Pisani, *Paulo Mendes da Rocha. Complete Works*, New York: Rizzoli International Publishings, 2015, pp. 87–165, 248–253 and 309–324.
 5 This quote was taken from a text written on an unknown date and contained in the *Memorial* prepared to obtain the title of full professor of the FAU-USP (Architecture and Urbanism College, University of São Paulo) in 1998, and that is in the personal archive of the architect.

1 Complementarmente, ver Daniele Pisani, “O museu na obra de Paulo Mendes da Rocha”, in *Projeto Design*, 395, janeiro 2013, pp. 90–97.
 2 Natural da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no litoral sudeste do Brasil [N.Ed.].
 3 Paulo Mendes da Rocha, “Casa de concreto”, *Casa & Jardim*, n.º 156, janeiro 1968, p. 35. Palavras quase idênticas também se encontram em “Perspectivas da arquitetura brasileira — Recomendações para sua adequação aos Trópicos”, in *Arquitetura nos Trópicos. Anais do I Seminário Nacional*, atas do congresso (Recife, 18–20 de setembro 1984), Recife: Fundação J. Nabuco — Massangana, 1985, p. 158: “A casa como fato isolado não é o lugar onde o homem mora. O homem mora na cidade”.
 4 Ver Daniele Pisani, *Paulo Mendes da Rocha. Complete Works*, Nova Iorque: Rizzoli International Publishings, 2015, pp. 87–165, 248–53 e 309–24.
 5 A citação foi extraída de um texto redigido em data desconhecida, contido no *Memorial* elaborado para a obtenção do título de professor titular da FAU-USP em 1998, que se encontra no arquivo pessoal do arquiteto.